**PROLICEN 2013**

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES DAS ESCOLAS DOS ASSENTAMENTOS APASA, NOVA VIDA E 1° DE MARÇO NO MUNICÍPIO DE PITIMBU – PB**

Ana Clara da Silva Nascimento – Estudante Voluntária

Jakeline da Silva Farias – Estudante Voluntária

Luciélio Marinho da Costa – Colaborador – DFE ∕ CE

Maria do Socorro Xavier Batista – Coordenadora – DEC ∕ CE

Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti – Colaboradora – DME ∕ CE

Severina Andrea Dantas de Farias – Colaboradora – DCE ∕ CCAE – CAMPUS IV

Silvia Karla Batista de Macena Martins dos Santos – Estudante Bolsista

**Introdução**

Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto que envolve ensino, pesquisa e extensão, fundamentado numa perspectiva qualitativa de pesquisa-ação que, através de oficinas pedagógicas, pretende desenvolver atividades de formação continuada com educadores das escolas dos Assentamentos 1º de Março, Nova Vida e Apasa, no município de Pitimbu-PB[[1]](#footnote-1). Este teve como objetivos contribuir com a reorganização e a execução do Projeto Político Pedagógico das escolas dos assentamentos envolvidos e como base, os princípios e as políticas de Educação do Campo; realizar atividades teórico-metodológicas a partir de oficinas pedagógicas, considerando as necessidades e dificuldades dos educadores e dos educandos; provocar a reflexão sobre a prática pedagógica, envolvendo a ação-reflexão-ação, relacionando com os pressupostos da educação popular do campo em uma relação dialógica e interdisciplinar.

O texto inicia-se a partir das considerações introdutórias em que situamos o projeto, bem como os principais objetivos e as concepções metodológicas que nortearam as formações; em seguida aborda a fundamentação teórica acerca dos princípios, diretrizes e lutas presentes sobre a Educação do Campo; a sequência discorre sobre as formações, que temática abordaram e como foram realizadas. Finalizamos com as considerações finais, expondo os resultados obtidos até o momento.

**Educação do campo e formação de educadores**

As lutas que os movimentos sociais vem empreendendo como resultado das contradições do modo capitalista de organização social, econômica e política imposto pelos colonizadores portugueses, tem assumido diferentes formas de organização, como reflexo das lutas de classes postas em diferentes circunstâncias da formação da sociedade brasileira. Como aponta Batista (2006, p.130),

As lutas no campo brasileiro têm início com o processo de invasão e colonização portuguesa. Os movimentos se originam dos conflitos em torno da luta por terra, mas também se rebelam contra as relações sociais de produção marcadas pela exploração, pela dominação e degradação da pessoa humana [...] O que denota que a resistência dos povos oprimidos e despossuídos estiveram presentes ao longo da história brasileira, nos períodos colonial, monárquico e republicano e é um dos elementos da identidade política do povo.

A partir dos anos 1990 as demandas de lutas a favor da reforma agrária, pela demarcação das terras e por políticas agrícolas justas, incorporadas a denúncia da negação ao direito à educação que os povos do campo foram submetidos, vem ganhando destaque no cenário nacional. Pois como salienta Arruti (2011, p. 165):

Nesta luta, os movimentos sociais do campo buscam reverter duas características fundamentais do sistema educacional brasileiro: a lógica centrada no urbano e a predominância de políticas públicas generalistas que desconhecem as especificidades de determinadas populações, entre elas a do campo.

Deste modo, a educação torna-se fundamental para o entendimento e a superação da exploração, da opressão, das injustiças e da exclusão da população que vive no campo. Nesse sentido os fundamentos de uma proposta de educação precisam ser amplamente difundidos e discutidos pelos professores e gestores que atuam em escolas, em particular no campo, no sentido de compreender a problemática, contribuindo para repensar a prática pedagógica que nelas se desenvolve.

A Educação do Campo reivindicada pelos Movimentos Sociais, de acordo com as definições políticas adotadas por este projeto, busca atender as especificidades das populações que vivem e trabalham no e do campo, ribeirinhos, caiçaras, extrativistas, pescadores, indígenas, quilombolas e assentados (BRASIL, 2001) com suas histórias, seus valores, cultura e modo de vida próprio.

A discussão sobre Educação do Campo junto aos sujeitos que atuam na escola: professores, supervisores, gestores, dentre outros, se torna premente, uma vez que é imprescindível que eles se apropriem dos fundamentos dessa perspectiva educacional contribuindo para que reflitam sobre o modelo de educação que vem sendo efetivada nessas escolas e as práticas pedagógicas nelas desenvolvidas. É nessa perspectiva que a formação continuada de educadores para o campo surge como forma de estruturar e concretizar as mudanças necessárias para a escola, afim de promover desenvolvimento social, político e econômico dos sujeitos do campo como salienta Ramos (2008, p.37),

Formar educadores do campo e para o campo é fundamental para se configurar as mudanças necessárias nessa área. Os sujeitos do campo têm suas especificidades, suas particularidades, suas dinâmicas que se estendem a forma como se organizam social e culturalmente. Esses aspectos não podem ser renegados, desvalorizados ou não vistos, porque os sujeitos do campo são capazes de desenvolver seu próprio projeto educacional conforme as especificidades do seu lugar e de sua gente.

Diante disso, se faz cada vez mais necessário a formação continuada dos educadores do campo e esta deve ser permanente, unindo teoria e prática e com o objetivo de promover uma reflexão crítica em busca de uma ação transformadora da prática docente. Como é definida por Freire (2001, p. 43-44),

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que pode melhorar a próxima. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática

Contudo, entendemos que não há um modelo pronto e estabelecido para a formação de professores, mas modelos que se diferenciam, já que é um processo que se renova a cada dia, considerando as compreensões de educação respaldadas nas concepções de sociedade de cada época.

**Formação continuada nas escolas dos assentamentos de Pitimbu**

As formações que integram o projeto, são realizadas através de exposição dialogada, estudo de textos, discussão em grupos e atividades práticas através de oficinas didático-pedagógicas, nas quais contamos com a colaboração de professoras de diversas áreas do conhecimento. Foram realizados até o presente momento, seis encontros, abordando temáticas diferenciadas.

As ações denominadas oficinas didático-pedagógicas tem a finalidade de promover a *práxis[[2]](#footnote-2)*, discutindo as concepções e os documentos que regulamentam as políticas e os programas de Educação do Campo, além de refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos/as educadores/as nas escolas dos assentamentos.

Nesse contexto, no primeiro encontro ocorreu um diálogo a fim de promover a interação entre o grupo, foi apresentado o projeto e ouvidas as expectativas dos educadores acerca da proposta. Foi aplicado ainda, um questionário para o levantamento de dados dos professores e das escolas.

Houve uma formação destinada à discussão dos aspectos teóricos e metodológicos da Educação do Campo, em que foram apresentadas as leis e diretrizes que regem esta modalidade de ensino e exibido o vídeo “Escola Itinerante”; tivemos oficinas voltadas para o ensino da matemática, ciências e de linguagens[[3]](#footnote-3).

Considerando que um dos princípios da Educação do Campo é trabalhar a partir da realidade e da cultura do local (onde a escola está situada), foi realizada uma excursão pedagógica no Assentamento 1º de Março, com professores e participantes do projeto guiados pelo líder comunitário, com a finalidade de conhecer a produção e os aspectos sociais e culturais do espaço. Em seguida foram propostas atividades didáticas que possibilitassem aos professores trabalhar com os estudantes na perspectivas de conhecer a realidade de cada assentamento, destacando entre elas a construção de uma maquete (com materiais recicláveis) do espaço visitado e uma breve discussão articulando com a prática pedagógica sobre o que foi visto na visita.

Tendo em vista que os assentamentos são coordenados pelo Movimento dos Sem Terra, a sexta formação foi realizada com a colaboração de dois representantes do MST estadual, onde foram discutidas as perspectivas de educação propostas por este movimento social e na sequência, foi realizada uma oficina sobre agroecologia ministrada pelo educador Gilmar Felipe Vicente.

**Considerações Finais**

Até fim do mês de outubro, cumprimos cerca 75% da nossa meta de formações. Nesse percurso algumas dificuldades foram encontradas, entre elas podemos destacar a descontinuidade quanto à frequência dos docentes, apresentando-se de duas formas: falta em período integral e em outros casos, apenas um período. As discussões ao decorrer das formações apontaram fatores que contribuíram para a ausência dos educadores, como a falta de apoio para que os mesmos participem dos encontros e a falta de estrutura das escolas.

Apesar dos problemas enfrentados, consideramos que os resultados até o momento foram positivos, pois além da efetiva participação nas oficinas, alguns professores tiveram suas práticas pedagógicas modificadas a partir das atividades propostas, como relataram em depoimentos.

Do mesmo modo que, nos encontros os docentes tiveram a oportunidade de discutir e expor as experiências e dificuldades que enfrentavam no cotidiano escolar. A partir dessas reflexões, foi feito um documento que será encaminhado à Secretaria de Educação, apontando os principais problemas enfrentados pelos professores, nas escolas e junto à comunidade.

Nesta perspectiva, embora o processo de formação de educadores seja conflituoso em alguns momentos, é fundamental que este projeto continue, visto que os passos que foram dados até agora assumem um caráter inicial para o desenvolvimento de uma democracia crítica na defesa da educação e dos estudantes, para que sejam cidadãos capazes de refletir sobre a sua realidade e atuar sobre ela.

**Referências**

ARRUTI, José Maurício. **Da ‘educação do campo’ à ‘educação quilombola’:** Identidade, conceitos, números, comparações e problemas. Raízes, v.31, n.1, jan-jun / 2011. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo\_266.pdf. Acesso em 23/10/2013.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. O campo como território de conflitos, de lutas sociais e movimentos populares. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; JEZINE, Edineide (Orgs.). **Educação Popular e movimentos sociais**. João Pessoa: Ed Universitária, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Brasília, DF, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001

RAMOS, Rosilândia Flávia de Lima. **A concepção de leitura de educador do Campo:** reflexões sobre a formação docente. João Pessoa: o autor, 2008

1. O projeto está sendo desenvolvido desde maio de 2013, sob a coordenação da professora Dra. Maria do Socorro Xavier Batista integrado com ao projeto intitulado Educação do Campo e Formação de Educadores nas Escolas dos Assentamentos Sede Velha do Abiaí, Teixeirinha e Camuncim, em Pitimbu-PB sob a coordenação do professor Msc. Luciélio Marinho da Costa, com a colaboração das professoras Msc. Severina Andrea Dantas de Farias e Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti e a participação das estudantes Rafaela Carneiro Cláudio, Cacilda Gonçalves da Silva, Robevânia Cristina Lopes Maracajá. [↑](#footnote-ref-1)
2. Na pedagogia, práxis é o processo pelo qual uma teoria, lição ou habilidade é executada ou praticada, se convertendo em parte da experiência vivida. Enquanto no ensino uma lição é apenas absorvida em nível intelectual no decurso de uma aula, as ideias são postas à prova e experimentadas no mundo real, seguidas de uma contemplação reflexiva. Desta maneira, os conceitos abstratos ligam-se com a realidade vivida. [↑](#footnote-ref-2)
3. As oficinas mencionadas foram ministradas pelas professoras Severina Andrea Dantas de Farias, Sônia Regina Costa Crunivel e Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti respectivamente. [↑](#footnote-ref-3)